



SINOPSE DA BIBLIOGRAFIA CRÍTICA

DA ETNOLOGIA BRASILEIRA 1953 - 1960 *

HERBERT BALDUS

Quando, em 1954, publiquei um volume de 859 páginas intitulado *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*, declarei na introdução ter começado com ele um trabalho que nunca termina. De fato, publicações novas sobre índios do Brasil não tardaram muito a aparecer. A minha exposição de hoje se baseia em 385 delas, mas convém dizer que fizêi, ainda, muitas dezenas que, por conterem apenas ligeiras referências ao assunto, não tomo em consideração. ¹

Com especial prazer posso informar que dessas 385 nada menos que 185 saíram em língua portuguesa, prova concreta do desenvolvimento das disciplinas antropológicas entre nós. Divide-se este número em 120 publicações de etnologia propriamente dita, 36 de pré-história e arqueologia, 19 de lingüística e 10 de antropologia-física. Numéricamente seguem as publicações em língua alemã, isto é 76, sendo 68 de etnologia, 5 de pré-história e arqueologia, 2 de lingüística e 1 de antropologia-física. Vêm, depois, as 63 publicações em língua inglesa, 52 de etnologia, 8 de pré-história e arqueologia, 2 de lingüística e 1 de antropologia-física. As em espanhol são 30, a saber 21 de etnologia, 4 de pré-história e arqueologia, 3 de lingüística e 2 de antropologia-física. Das 22 em francês são 14 de etnologia, 5 de pré-história e arqueologia e 3 de lingüística. Há, ainda, 3 publicações etnológicas em italiano, 3 em russo, 2 em holandês e 1 em dinamarquês.

* Conferência proferida no dia 26 de junho de 1961, por ocasião da V Reunião Brasileira de Antropologia, realizada em Belo Horizonte.

¹ As indicações bibliográficas serão publicadas, dentro de alguns anos, no segundo volume da *Bibliografia Crítica da Etnologia Brasileira*.

Antes de apreciar essas centenas de recentes publicações no que dizem respeito aos diversos aspectos das culturas e de sua distribuição geográfica, sejam mencionados alguns estudos da teoria e história da Etnologia Brasileira.

Em 1954 Egon Schaden apresentou no Congresso de Americanistas reunido em São Paulo um trabalho intitulado "Problemas fundamentais e estado atual das pesquisas sobre índios do Brasil" em que, ao lado da mitologia e de questões da mudança cultural, considerou principalmente a elaboração de caráter teórico.

Dois anos depois publicou Florestan Fernandes suas "Tendências teóricas da moderna investigação etnológica no Brasil", distinguindo três principais "focos de interesse na elaboração teórica" que são, pela ordem de importância das contribuições: o primeiro que diz respeito ao estudo da mudança cultural; o segundo que se concentra na investigação do xamanismo, da magia, da religião e da mitologia; o terceiro que está voltado para os problemas da organização social. Seu trabalho é fundamental para o estudo da História da Etnologia Brasileira moderna.

NATIVE PEOPLES OF SOUTH AMERICA, o recente livro de Steward e Faron, tipo de *textbook* norte-americano, é, no dizer dos autores, também "an interpretative work, written according to a general theoretical point of view" (p. vi). No que diz respeito às partes da obra referentes aos índios do Brasil, esta orientação, especialmente no sentido tipológico, não traz novidades dignas de nota para o etnólogo, mas leva os autores, não raro, a generalizações superficiais e inexactidões.

Como contribuições para o estudo da História da Etnologia Brasileira, convém mencionar, ainda, o trabalho de Fernando de Azevedo, "A antropologia e a sociologia no Brasil", tratando de suas principais figuras desde Pero Vaz de Caminha até os hodiernos, o de Estevão Pinto sobre os quinzentistas; e os ensaios bio-bibliográficos de Castro Faria sobre Rodrigues Ferreira e Roquette-Pinto, de Schaden sobre Karl von den Steinen e Koch-Grünberg, de Darcy Ribeiro sobre Rondon e de Balduz sobre Koch-Grünberg e Rondon.

* * *

Passando a descrever as recentes obras sobre aspectos culturais, quero começar com a ergologia e tecnologia. Da indumentária, por assim dizer, tratam dois autores: Hans Becher na sua tese de doutoramento sobre cintos e cordões, e Franz Caspar no seu artigo sobre feitiço e função do estójo peniano. Enfeites são analisados por Darcy Ribeiro e Berta G. Ribeiro na sua magnífica monografia sobre a "Arte plumária dos índios Kaapor" e por Brigitte Menzel na sua tese sobre os adornos usados nos lábios, no nariz e nas orelhas. Há

muitas informações, mas nenhum estudo sistemático sobre a pintura do corpo. A título de curiosidade seja mencionado o artigo do etnólogo dinamarquês Jen Yde sobre os Waiwai, referindo que o corpo inteiro é pintado de vermelho como medida de proteção, "as the evil bush spirits are not able to distinguish red objects", e acrescentando que, pela mesma razão, os cães e, especialmente, os de caça, são pintados completamente de vermelho.

Das construções tratam Virginia Watson e Immina Schomig, aquela salientando a aculturação que se faz notar pela modificação da estrutura das casas kaiuá no sul de Mato Grosso, e esta comparando certas construções especiais dos índios sul-americanos, isto é, as destinadas exclusivamente aos homens e as que servem para isolar a mulher por ocasião da primeira menstruação e do parto.

Poucas são, nestes sete ou oito últimos anos, as publicações sobre tecnologia propriamente dita. Becher refere-se a ela na sua citada tese e Berta G. Ribeiro analisa as técnicas de amarração e colagem no seu construtivo ensaio sobre "Bases para uma classificação dos adornos plumários dos índios do Brasil". Mas quase nada de especial saiu sobre trançados e tecidos, e os trabalhos sobre cerâmica são, em geral, arqueológicos. Há, porém, um setor da tecnologia em que se manifestou, recentemente, grande interesse: o estudo da preparação de venenos de flechas. Pesquisadores de campo como Frikel, Biocca e Vellard escreveram sobre isso, e o Instituto Brasileiro de Biografia e Documentação reuniu 2.956 títulos na sua bibliografia "curare", dos quais numerosos se referem a trabalhos etnograficamente importantes sobre venenos de flechas dos nossos selvícolas.

Entre os trabalhos sobre armas são dignos de nota os de Frederico Lane e Horst Hartmann sobre arcos e flechas, e o de Bodo Spranz sobre o propulsor de dardos.

* * *

Também no campo da economia, um dos menos cultivados da Etnologia Brasileira, Darcy Ribeiro foi pioneiro com o seu estudo sistemático da distribuição das atividades de coleta, caça, pesca e lavoura dos Urubu-Kaapor, nos quatro períodos do ano caracterizados pelas chuvas, pelas enchentes, pelo estio e pela seca. A parte mais valiosa da obra de Kalervo Oberg intitulada "Indian Tribes of Northern Mato Grosso" consiste, a meu ver, em suas observações sobre atividades econômicas dos Kamayurá. Otto Zerries estuda, à vista de aspectos da mudança cultural na aquisição do sustento, em que medida os Waiiká possam vir a ser classificados como captores ou como lavradores.

Da pesca tratam Harald Schultz e Johannes Wilbert, o primeiro da pesca do pirarucu entre os Karajá e o segundo do emprêgo do instrumento chamado de socó no Maranhão.

A lavoura indígena sul-americana foi classificada por Gundermund Hatt em dois tipos: a "Semi-Agriculture" na qual os homens

só fazem a derrubada e queimada, deixando todas as outras tarefas a cargo das mulheres; a "Full Agriculture" na qual os homens executam quase todos os trabalhos, embora possam ser ajudados, ocasionalmente, pelas mulheres. Jens Yde, referindo-se a essa classificação, elabora uma lista de tribos sul-americanas, entre elas brasileiras, nas quais o homem toma parte ativa na lavoura. Robert L. Carneiro, em seu artigo sobre "Slash-andburn Agriculture", se opõe à generalização da suposição de ser a trasladação da aldeia de tribos lavradoras forçosamente consequência da exaustão do solo pela prática da derrubada e queimada. Para mostrar que essa prática pode ser compatível com morada permanente menciona os Kuikuro que, subsistindo grandemente do cultivo de mandioca ligado à derrubada e queimada, têm sua aldeia há noventa anos no mesmo lugar. Cita, ainda, como outra tribo lavradora da região do alto Xingu com habitação relativamente fixa, os Waurá. A fim de poder avaliar devidamente os fatores de possíveis mudanças, o autor os traduz para fórmula matemática. A base dos resultados assim obtidos faz a seguinte sugestão: "If the ethnographic or archeological record reveals periodic relocations of villages of 500 persons or less, causes other than soil depletion should be assumed to have been responsible unless there is clear and conclusive evidence to the contrary." O mesmo autor, em colaboração com Gertrude E. Dole, deu também informações sobre diversos aspectos de trabalhos feitos em cooperação entre os Kuikuro. A lavoura dos Mundurukú foi estudada por frei Protásio Frikel.

No tocante aos produtos da lavoura indígena há a obra de Brieger e colaboradores sobre as raças de milho no Brasil, o artigo de Hans Becher sobre "A importância da banana entre os índios Surára e Pakidái", o de Dole sobre a distribuição geográfica das diversas técnicas de preparar farinha de mandioca e a tese de doutoramento de Günther Hartmann sobre bebidas alcoólicas entre os índios sul-americanos com referência especial às matérias primas para o seu fabrico.

Notável contribuição para o estudo dos problemas do comércio numa tribo brasileira é o artigo de Dole, intitulado "Ownership and exchange among the Kuikuro Indians of Mato Grosso".

* * *

Encarando entre as publicações saídas de 1953 a 1960 as que versam sobre a religião dos nossos índios, deparamos logo com a tese de Livre-docência de Egon Schaden, intitulada "Aspectos fundamentais da cultura guaraní", na qual o autor analisa magistralmente o caráter eminentemente religioso dessa cultura. No mesmo campo é digno de nota o trabalho apresentado por Darcy Ribeiro na II Reunião Brasileira de Antropologia, descrevendo as experiências de um índio Kaapor que saiu à procura de Deus. Outra importante publicação é "Mundurukú Religion" cujo autor, Robert F. Murphy, chega à conclusão de que, até há poucos anos, o essencial nas crenças religiosas

dos Mundurukú era a relação entre o mundo dos homens e o dos animais de caça, sendo que o desaparecimento desse aspecto é uma das mais notáveis mudanças culturais. Havia simbiose entre a sociedade Mundurukú e o reino animal, dependendo os índios dos animais para seu sustento e estes daqueles para a realização dos rituais produtores de seu bem-estar e de sua proliferação. Tudo indica que os Mundurukú eram mais caçadores do que lavradores, distinguindo-se a esse respeito das tribos tipicamente tupi em cuja família linguística costumam ser incorporados. Aliás, relações sobrenaturais com animais manifestam-se também pelo costume de o caçador não comer o animal morto por ele mesmo, costume de várias tribos do Brasil Oriental e Meridional, como mostrei em trabalho lido no XXX Congresso de Americanistas. No seu livro sobre espíritos da caça e espíritos da mata, coordena Otto Zerries os numerosos dados da etnologia sul-americana sobre o senhor dos animais, os espíritos auxiliares do caçador, os senhores das espécies animais, o ritual da caça e as almas dos animais.

Dos conceitos da alma humana tratam o mesmo autor em artigo referente aos Waiká e o padre Anton Lukesch em trabalho sobre os Kayapó do rio Fresco. Josef Haeckel estuda a questão do poste sagrado como objeto de culto entre diversas tribos brasileiras. Audrey J. Butt analisa, sob o título "The Birth of a Religion", um movimento religioso semi-cristão surgido, primeiro, entre os Makuxi e difundido entre as tribos karaíba da região fronteira da Guiana Inglesa com o Brasil e a Venezuela. Conceitos de um ente supremo ou heróicizador foram examinados por Haeckel e pelos padres Kruse, Lukesch e Saake.

Mitos foram publicados, ainda, das seguintes tribos: Kayapó, por Horace Banner; Surára, por Hans Becher; Guarani, por León Cadogan e Egon Schaden; Tukano, por Marcos Fulop; Fulniô, por Estevão Pinto; Urubu-Kaapor por Francis Huxley e Darcy Ribeiro; Baniwa, por Wilhelm Saake; Waiká, por Otto Zerries. Heinz Kühne realizou um estudo comparativo sobre o papel da onça no mito dos gémeos nas Américas, fazendo numerosas referências a tribos do Brasil. Na volumosa "Mitologia americana" do franciscano Mariano Izquierdo Gallo que tem uma parte intitulada "Mitos del Brasil", a ausência de critério científico é, às vezes, chocante. Sendo a série "Antologia Ilustrada do Folclore Brasileiro", cujo primeiro volume se intitula "Estórias e lendas dos índios", destinada à divulgação do folclore entre o grande público, o critério da seleção no referido volume foi dar amostras das mais diferentes culturas indígenas distribuídas nas mais diversas regiões do norte, sul, este, oeste e centro do Brasil. A contribuição do selecionador se limitou à indicação das fontes, sendo que os 72 textos colhidos e publicados por diversos autores foram adaptados pelo romancista paulista Afonso Schmidt, supervisor literário da série.

No tocante ao médico-feiticeiro convém chamar a atenção para a versão espanhola da obra fundamental de Mircea Eliade sobre "o xamanismo e as técnicas arcaicas do êxtase", que acaba de aparecer atualizada. As diversas espécies de demônios e espíritos com que, entre os índios sul-americanos, o pajé tem de entrar em relações amigáveis ou hostis, são estudadas por Zerries. O padre Saake reproduz o relato em que um índio Bariwa conta como se tornou médico-feiticeiro.

* * *

Passando da investigação das relações com o sobrenatural para a das relações com os parentes e membros da própria tribo, entramos no campo antigamente mais negligenciado e hoje cultivado com ardor cada vez maior. Aqui, até os russos se interessam pelos nossos índios, como mostram, embora em caráter geral, os artigos de L. A. Fainberg saídos em 1954 e 1958 em publicações soviéticas. Um trabalho que, apesar de seu tamanho reduzido é dos melhores do último decênio, intitula-se "Cultura e sistema de parentesco das tribos do alto rio Xingu". Seu autor, Eduardo Galvão, chega à seguinte conclusão: "...acreditamos ser possível apontar que, tal como nos demais aspectos significativos da cultura xingua, na área cultural do uluri, como a denominamos, também os sistemas de parentesco refletem a distribuição de um tipo uniforme que se caracteriza pela bilateralidade, extensão de termos, residência bilocal e parental, evitação entre sogro-genro, sogra-nora e cunhados, relações de aproximação entre primos cruzados, poliginia simples e sororal, e levirato. Negativamente, pela ausência de *metades*, sibs ou outros sub-grupos sociais, localizados ou não. A unidade socio-econômica é a família extensa".

Bem diferente é o valor sociológico do citado trabalho de Oberg apresentando a nomenclatura de parentesco de quatorze tribos. Isto causa estranheza se considerarmos que o autor teve só contatos muito ligeiros com a maior parte das mencionadas tribos, chamando-lhe mesmo a atenção para as dificuldades que tiveram em entender-se. Assim, por exemplo, escreve: "The language difficulty, which we encountered throughout our stay, prevented us from gathering much information. We were, however, able to get the kinship terminology..." (p. 11). Todo pesquisador de campo com alguma experiência sabe que uma das tarefas mais árduas é obter, entre os índios do Brasil, a terminologia de parentesco. Entre os Kaingang, por exemplo, apesar de ter podido fazer-me entender bem por eles em português, foi só depois de muito trabalho com numerosos informantes e observações em diversos grupos locais que cheguei à convicção de ter compreendido razoavelmente a nomenclatura.

Quem, todavia, alcançou, ultimamente, extraordinária perícia nesse assunto, é o jovem inglês David Maybury-Lewis. Em trabalho intitulado "Kinship and Social Organization in Central Brazil" co-

menta estudos de Nimuendajú e Lévi-Strauss, partindo para isso, dos resultados de suas próprias pesquisas de campo entre os Xerente e dando, por fim, os termos de parentesco que colheu durante os longos meses de sua permanência entre esses jê. Em "Parallel Descent and the Apinayé Anomaly", Maybury-Lewis, analisando os dados relativos ao sistema matrimonial apresentados por Nimuendajú em sua monografia sobre esta tribo, mostra que tal sistema, por razões demográficas, não podia ter funcionado ao tempo da pesquisa de campo e que é incompatível com a estrutura da nomenclatura de parentesco. Referindo-se aos trabalhos de Nimuendajú sobre os jê lamenta que "such a gifted observer should have lacked the acquaintance with social anthropological theory, which would have enabled him to make satisfactory analyses of the complex systems he studied. The result of this is that he did not understand the structure of these systems and thus we can never be wholly certain that he is correct in his reports of marriage prohibitions, of kinship terminology, and especially of the crucial cousin-terms." (p. 203).

Em "Les organisations dualistes existent-elles?", Claude Lévi-Strauss analisa, especialmente, a organização social dos Borôro e Timbira Orientais, chegando à seguinte conclusão: "Je me suis efforcé de montrer, dans cet article, que l'étude des organisations dites dualistes révélait tant d'anomalies et de contradictions, par rapport à la théorie en vigueur, que l'on aurait intérêt à renoncer à cette dernière et à traiter les formes apparentes de dualisme comme des distorsions superficielles de structures dont la nature réelle est autre, et beaucoup plus compliquée". (p. 127). O trabalho provocou interessante controvérsia entre o autor e Maybury-Lewis.

Em artigo intitulado "Umwelt, Bevölkerungsichte und Gesellschaftsform im Amazonasgebiet", Hans Dietschy mostra a inexistência das metades tribais atribuídas a estes índios por certos autores norte-americanos (p. 13) e chama a atenção para a organização dos homens em três grupos patrilineares e, "pelo menos em teoria, endógamos".

Ainda em outras tribos foi estudada a divisão em metades tribais, a saber entre os Terêna por Roberto Cardoso de Oliveira, entre os Mundurukú por Robert F. Murphy e entre os Kaingang pelo autor do presente trabalho.

No que tange à organização política, convém mencionar um artigo de Dole sobre os Kuikúro, o capítulo sobre "A chefia da comunidade" na citada tese de Livre-docência de Schaden e o estudo de Dietschy sobre o chefe entre os Karajá. No ensaio intitulado "Os Tupi e a reação tribal à Conquista", Florestan Fernandes analisa o funcionamento do sistema tribal de ações e de relações sociais, com referência à organização do grupo local e do parentesco. Em "Intergroup Hostility and Social Cohesion" Murphy estuda a função social da guerra na sociedade mundurukú, chegando à conclusão de que "the institution operated to preserve the integration and solidarity...".

Sobre fenômenos ligados ao ciclo da vida do indivíduo apareceram trabalhos dignos de nota. Eis o livro póstumo do padre Wilhelm Schmidt sobre o comportamento antes e por ocasião do parto, o artigo de Maria Angélica Carlucci, "La couvade en Sudamériqua", que pode servir de complemento àquela obra fundamental, o trabalho de Niels Fock que discute as teorias de Schmidt e outros, à luz do material por ele colhido entre os Waiwai, o estudo de Dietschy sobre os costumes relacionados ao parto entre os Karajá e o de Métraux e Dreyfus-Roche sobre o que observaram a respeito entre os Kayapó. Becher publica dados sobre o defloramento da menina depois de completar o primeiro ano de vida, dados esses colhidos entre os Surará e Pakidái. Anderson e Caspar descrevem os ritos de puberdade das moças entre os Tukuna e Tupari, respectivamente. O último destes dois autores, aliás, trata detalhadamente, em outro artigo publicado na Revista do Museu Paulista, da vida sexual dos Tupari. Em trabalho intitulado "Extra-marital Sex Freedom among the Kuikuru Indians of Mato Grosso", Robert Carneiro mostra que quase todos os adultos desta tribo, moços ou velhos, homens ou mulheres, têm um ou mais parceiros sexuais extra-matrimoniais. Ao problema do incesto se reporta Hans Dietschy ao ventilar a possibilidade de ligar sua proibição com os fundamentos míticos das danças de máscaras em pares entre os Karajá.

* * *

Em contribuição à "Encyclopedia of Morals", Murphv mostra como a ética dos Mundurukú padroniza dois comportamentos opostos produzindo, simultaneamente, harmonia dentro do grupo e hostilidade a tudo que está fora dele. Ambos não entram em conflito, mas reforçam-se reciprocamente. Na terminologia de Ruth Benedict os Mundurukú poderiam ser chamados de "dionisiacos" à luz de seu comportamento guerreiro, e de "apolíneos" pelo cooperativo e não-agressivo espírito intra-tribal que, até certo ponto, os torna comparáveis aos Zuni. Segundo o autor, a aparente disparidade entre estes dois conceitos de conduta desceável evidencia a fraqueza das interpretações configurativas de Benedict e outros.

Na III Reunião Brasileira de Antropologia, tratei de outro padrão de comportamento tribal descrevendo as exteriorizações do mesmo entre os Tapirapé. Dados sobre a psique tribal dos Kaapor encontramos em trabalhos de Darcy Ribeiro e Huxley. Dietschy, encarando a cultura como sistema psico-higiénico, mostra a ligação das formas de exteriorizar certas crises psíquicas entre os Karajá a atividades da vida cotidiana como a dança e a natação. Caspar, analisando alguns aspectos do comportamento de um indivíduo associal entre os Tupari, apresenta um caso de desenvolvimento anormal da personalidade. Descrevendo suas relações e experiências com o seu principal informante durante a sua estada entre os Tapirapé, Charles Wagley também traz contribuição à psicologia.

Resultados de diversos testes psico-diagnósticos foram interpretados. Assim, Cinira Miranda de Menezes e Cicero Christiano de Sousa estudaram o material obtido por mim na aplicação do método de Borschach e de Mira y Lopes a índios Kaingang do Ivaí. Maria Júlia Pourchet aplicou testes de Goodenough (desenho de figura humana) e da árvore a crianças dos Kaingang de Palmas. Hans e Nelly Dietschy nos contam das suas experiências ao aplicarem aos Karajá o teste de Lüscher (seleção de 8 cores).

* * *

Pouco desenvolvido ainda é o estudo das artes plásticas dos nossos selvícolas, se não considerarmos o material arqueológico. No seu livro "The Origins of Art", Gene Weltfish apresenta dois capítulos referentes a elas. Em artigo intitulado "Desenho e arte ornamental dos índios brasileiros", Schaden dá noções gerais sobre estas produções artísticas, frisando não ser possível compreendê-las "sem um conhecimento razoável dos caracteres dominantes da configuração cultural". Em sua tese de doutoramento sobre "arte como elemento cultural", A. A. Gerbrands critica a conhecida hipótese de Max Schmidt segundo a qual, entre os índios da região dos formadores do Xingu, padrões de trançados de folhas flabeliformes de palmeira sugeriram os ornamentos geométricos pintados, pirogravados e entalhados. A outrora boa Revista do Arquivo Municipal de S. Paulo publicou sob o ambicioso título "Arte primitiva brasileira", uma droga de mais de duzentas páginas com que o autor, Odorico Pires Pinto, revelando não só falta de originalidade como também de espírito científico, recebeu, não obstante, o "prêmio João Ribeiro" (1951) da Academia Brasileira de Letras.

As transformações da boneca karajá da sua antiga forma até a atual, atraíram a atenção de Luis de Castro Faria e Maria Heloisa Fénelon Costa. A pintura de corpo dos Kadiuú já estudada antes por Boggiani, Lévi-Strauss e Darcy Ribeiro, foi objeto de uma publicação russa, de E. V. Zibert que se baseia em material colhido por Fielstrup, companheiro de Nanizer em suas viagens nos anos de 1914 e 1915.

A citada monografia de Darcy Ribeiro e Berta G. Ribeiro sobre arte plumária que, no seu gênero, dificilmente poderá ser superada, refuta todos aqueles que, fazendo comparações impróprias com as obras do antigo Peru, negam ao índio brasileiro força criadora no campo das artes plásticas.

A música dos nossos selvícolas torna-se cada vez mais conhecida devido ao uso crescente do gravador de som pelos etnógrafos. A de diversas tribos é acessível ao grande público por um "longplay" lançado pelo Musée de l'Homme de Paris e organizado por Simone Dreyfus-Roche que escreveu também os respectivos comentários. Interessantes observações sobre a música de índios do Brasil contém também o artigo de José Geraldo de Souza sobre a "Contribuição rit-

mico-modal do canto gregoriano para a música popular brasileira".

Sobre a dança há pouco que presta. Em meu trabalho sobre "As danças dos Tapirapé" me referi às funções, formas, passos e tempo musical, acrescentando dados comparativos de outras tribos tupi e das vizinhas. Entre estas últimas figuram os Karajá sobre cujas danças de máscaras há um artigo de Dietschy. O padre Alcionilio Brüzzi Alves da Silva refere-se a danças fúnebres entre os Tukano e Tariana. Lamentável é ter uma entidade benemérita como o Instituto Indigenista Interamericano publicado, aliás em edição de luxo, o produto de uma senhora Felicitas Barreto intitulado "Danças indígenas do Brasil", livro de concepção tão primária que se hesita falar em desnecessidade. Sem dúvida, porém, a bibliografia, composta a êmo, tem a finalidade de iludir o ignorante no assunto, dando-lhe a impressão de se tratar de obra científica. Não são indicadas as fontes dos dados confusamente aproveitados no texto, sendo silenciados também os nomes dos fotógrafos do belo material ilustrativo.

Num estudo sobre a "dança como função social entre os Timbira", Kathe Hyé-Kerkdal, baseando-se, principalmente, nos resultados das pesquisas de Nimuendajú, demonstra a importância das danças coletivas em diversas oportunidades da vida social desses Jê. Em outro trabalho, a mesma autora analisa as relações entre as corridas de toros e a organização social daqueles índios.

* * *

Até há poucos anos, todos os mencionados aspectos da cultura dos nossos índios atraíram mais interesse do que a sua demografia, embora já o grande Karl von den Steinen, na sua primeira expedição ao Xingu, em 1884, e depois Karl E. Ranke, em 1896, e Pedro E. de Lima, em 1947 e 1952, que estiveram na parte superior da bacia do mesmo rio, tivessem contribuído para o assunto. Foi por isso, acontecimento notável durante a II Reunião Brasileira de Antropologia quando Darcy Ribeiro comparou os dados sobre a estrutura demográfica de treze tribos que diferem no grau de contato com representantes da nossa civilização e também em suas formas de adaptação ecológica. Na III Reunião foi distribuído, então, seu trabalho intitulado "Culturas e línguas indígenas do Brasil" com a comparação sistemática, representada por dois quadros, de 230 casos divididos em categorias referentes ao grau de integração na sociedade neo-brasileira no qual cada um dos grupos indígenas se achava no início e fim do período em aprêço, isto é, em 1900 e 1957. Depois, são estudadas as diversas consequências dos contatos da população indígena com as três formas da nossa expansão econômica: agrícola, pastoril e extrativa. A seguir, agrupando os casos analisados de acordo com a classificação lingüística, o autor constata que "os grupos Tupi são mais susceptíveis aos fatores dissociativos gerados no processo de integração, uma vez que perderam 50% de seus representantes, proporção muito maior que a dos demais" (p. 31). A análise dos dados de-

mográficos leva à conclusão de que "a população indígena brasileira, atual, cujo montante se encontra entre um mínimo de 68.100 e um máximo de 99.700, não alcança, mesmo na hipótese mais otimista, 0,2% da população nacional". (p. 47). Na "relação dos grupos indígenas do Brasil" que constitui a terceira parte da citada publicação, os nomes das tribos são seguidos de sinônimos, de números referentes à população atual, da classificação lingüística, da localização geográfica e da categoria referente ao grau de integração. Com esta publicação de Darcy Ribeiro, manual para todos os que querem conhecer os problemas indigenistas do Brasil, meras conjecturas sobre assuntos essenciais da Etnologia Brasileira foram substituídas por dados exatos e magistralmente coordenados.

Na mesma III Reunião Brasileira de Antropologia, Roberto Cardoso de Oliveira apresentou um estudo demográfico da aldeia terena de Cachoeirinha. Material demográfico foi colhido por Etta Becker-Donner ao observar as consequências maléficas sofridas pelos índios em virtude dos contatos que tiveram com os brancos no Território de Rondônia.

Do estado de saúde de tribos da bacia do Guaporé tratou também Rosa Scolnik. Pia Maybury-Lewis estudando o mesmo assunto entre os Xerênte, chega à conclusão de que esta tribo altamente aculturada não sofre de deficiências alimentares e de má saúde, sendo os seus problemas de natureza social e psíquica. Dignas de nota a êsse respeito são, ainda, as pesquisas dos médicos Ataliba Macieira Bellizzi, Noel Nutels, João Leão da Mota e Amaury Sadock de F. Filho.

Relativamente grande é o número das recentes publicações sobre as relações entre índios e brancos, o tratamento dado por êstes àqueles e as consequências das diferentes espécies dos contatos nas diversas épocas. Nas "Poesias" de Anchieta, saídas em 1954, encontramos material que evidencia a posição do jesuíta quinhentista perante a cultura indígena. Florestan Fernandes, por sua vez, em substancial contribuição à "História Geral da Civilização Brasileira", trata da incapacidade do "sistema organizatório tribal" tupinambá reajustar-se às situações novas impostas pelo contato com o invasor branco. Na sua tese de doutoramento intitulada "The Indian Policy of Portugal in the Amazonas Region 1614-1963", Mathias C. Kennen, baseando-se em documentos de arquivos portugueses, espanhóis e do Vaticano, mostra que a coroa portuguesa procurou sempre proteger os índios, ainda que permitindo escravizá-los em circunstâncias excepcionais declaradas como "guerra justa". Sob o título "Desbravadores", o padre Vitor Hugo escreve em dois grossos volumes a história da penetração da bacia do Madeira pelos missionários católicos. Albert Schmid trata das relações entre os índios e os colonos alemães no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. O padre Johann Dornstauder descreve o primeiro encontro amigável que, em 1957, teve com os chamados "Canoeiros" da região do rio Juruena. Em relató-

rio datado de dezembro de 1958, Carlos de Araújo Moreira Neto trata da situação trágica em que se encontram os Kayapó. Roberto Cardoso de Oliveira mostra como a presença do Serviço de Proteção aos Índios entre tribos já integradas à vida econômica neo-brasileira de suas respectivas regiões pode ter efeito anti-assimilador. Egon Schaden frisa a necessidade de se criar entre os nossos índios "a mentalidade econômica" indispensável à vida no mundo civilizado e de se modificarem paulatinamente os padrões de comportamento e o próprio ideal de cultura no sentido de não serem incompatíveis com essa mentalidade". Na exposição que fiz no Seminário de Antropologia Aplicada da IV Reunião Brasileira de Antropologia, tentei indicar meios para colaborarmos na consolidação das culturas de nossos índios como sub-culturas brasileiras. Tive a satisfação de ver, depois, que minhas idéias coincidem com o conceito de integração social elaborado por Darcy Ribeiro e outros, no IV Congresso Indigenista Interamericano e publicado em "América Indígena", número 1 de 1960.

Mudança cultural em determinadas tribos foi, nos últimos anos, um dos assuntos prediletos de numerosos e excelentes autores. Thales de Azevedo apresentou à III Reunião Brasileira de Antropologia uma análise da "Aculturação dirigida" pelos catequistas no Brasil colonial. A aculturação religiosa entre os Guarani foi especialmente estudada por Egon Schaden. A respeito dos Fulniô de Aguas Belas, William D. Hobenthal chega à conclusão de terem estes índios pernambucanos sobrevivido como grupo cultural devido ao apêgo etnocêntrico aos valores de sua própria cultura e ao seu consequente desprezo pela cultura neo-brasileira. Outra tribo nordestina, isto é, os Canela, foi investigada por outro etnólogo norte-americano, William H. Crocker, que fala numa estabilidade da cultura, pois os padrões sócio-culturais, embora mantidos com menos rigidez, lhe parecem ser fundamentalmente os mesmos que ao tempo de Nimuendajá. Obras fundamentais são a "Aculturação indígena no Rio Negro" de Eduardo Galvão e "O processo da assimilação dos Terêna" de Roberto Cardoso de Oliveira. Em "Tapirapé Social and Culture Change", Charles W. Gley mostra como a "sociedade" tapirapé, em consequência de um ataque de vizinhos, deixou de existir temporariamente, ao passo que a "cultura" continuava; e vê nisso "um exemplo notável da diferença entre uma sociedade e a sua cultura". Fenômenos aculturativos estudaram, ainda, Franz Caspar entre os Tupari, o padre Saake entre os Bororo, Harald Schultz e Vilma Chiara entre os Tukurina, Robert Murphy entre os Mundurukú e Alfonso Trujillo Ferrari entre os Kariri.

Ocupam-se com problemas da chamada História Cultural não somente Claude Lévi-Strauss analisando a noção de arcaísmo em etnologia à base de material brasileiro, mas também investigadores de determinados elementos culturais, assim Zéris nos seus trabalhos

sobre o zunidor e sobre os espíritos da caça e da mata, Boglár em artigo sobre as formas da sepultura e Becher na sua tese sobre os cintos e cordões de cintura.

Contribuições para a classificação das tribos brasileiras trouxeram o mesmo Hans Becher a respeito dos habitantes da região compreendida entre o rio Branco, o rio Uraricuera, a serra Parima e o rio Negro; frei Protásio Friel com referência aos indígenas do Pará setentrional e regiões limítrofes; Darcy Ribeiro estabelecendo quatro categorias de contato com a nossa civilização; Chestnir Loukotka agrupando lingüisticamente as tribos nordestinas não consideradas tupi; J. Mattoso Câmara Jr. discutindo diversas espécies de classificação das línguas indígenas do Brasil; Joseph H. Greenberg com "The General Classification of Central and South American Languages"; José Imbelloni defendendo, à vista de novas contribuições para a classificação racial dos índios sul-americanos, a taxionomia proposta por ele. Betty J. Meggers e Clifford Evans que, em trabalho intitulado "Culture Areas in South American: an Archeological Point of View" justificam a utilidade da classificação em áreas culturais estabelecida por Steward no Handbook of South American Indians e em outro trabalho publicado sob o título "Identificação das áreas culturais e dos tipos de cultura na base da cerâmica das jazidas arqueológicas" estabelecem para a América do Sul "três níveis distintos de desenvolvimento cerâmico, que foram denominados: Simples, Regulado e Adiantado" (p. 30). Digna de nota nessa tentativa de classificação é a seguinte conclusão: "O conceito teórico de que todos os fenômenos culturais estão funcionalmente entrelaçados, leva-nos a concluir que se podem usar as diferenças de tecnologia cerâmica para se inferirem as características gerais da organização sócio-política e religiosa a ela associadas, e, portanto, para se obter uma base de apreciação do nível geral de complexidade atingido por uma cultura extinta." (ibidem).

De máxima importância entre os ensaios classificatórios é para nós a comunicação apresentada por Eduardo Galvão à IV Reunião Brasileira de Antropologia e publicada sob o título "Áreas culturais indígenas do Brasil; 1900-1959". Depois de passar em revista tentativas anteriores de classificar os índios sul-americanos em áreas culturais, o autor divide o Brasil em onze de tais áreas, a saber: "Norte-Amazônica, Jurua-Purus, Guaporé, Tapajós-Madeira, Alto Xingu, Tocantins-Xingu, Pindaré-Gurupi, Paraguai, Paraná, Tietê-Uruguaí, Nordeste". Observa a respeito: "Como critério determinante, demos ênfase à distribuição espacial contígua de elementos culturais, tanto os de natureza ergológica como os de caráter sócio-cultural. Embora em uma descrição sumária não coubessem detalhes específicos relativos ao ambiente geográfico de cada área, estes foram levados em consideração. Igualmente importante é a definição da situação de contato e do contexto cultural das frentes pioneiras nacionais. Consideramos da maior significação enfatizar a ocorrência de fenômenos de aculturação inter-tribal." (p. 15).

O que distingue, especialmente, esta classificação das anteroiores é a sua limitação a determinada época, isto é, às tribos ainda existentes nos primeiros seis decênios do século XX.

Quatro das onze áreas são subdivididas em "núcleos". Cada sinopse de área está acompanhada de bibliografia a seu respeito, havendo no fim do folheto, uma bibliografia geral.

Antes de acrescentar novos elementos à bibliografia de cada uma dessas áreas, seja completado o quadro das publicações científicas sobre o índio brasileiro, aparecidas de 1953 a 1960, pela citação dos autores que para ele contribuíram em disciplinas além da etnologia. São eles, na Linguística: Albisetti, Baldus, Barbossa, Boglár, Cadogan, Mattoso Câmara, Faria, Giaccone, Greenberg, Guérios, Hanke, Kietzman, Loukotka, Meyer, Nimuendajá, Rodrigues, Schultz e Swadesh; na Arqueologia e Pré-história: Barata, Becker-Donner, Bigarella, Blasi, Boglár, Borba, Bosch-Gimpera, Cruxent, Emperaire, Evans, Faria, Loureiro Fernandes, Figueiredo, Fuchs, Hanke, Hilbert, Hurt, La-ling, Meggers, Ott, Palmatary, Pereira Jr., Putzer, Schmitz, Altenfelder Silva, Tiburtius, Walter; na Antropologia-Física: Ávila, Bellizzi, Campos, Díaz-Ungria, Loureiro Fernandes, Fortuyn, Imbelloni, Mattos, Ottensooser, Pourchet, Salzano, Walter Silva e Zerries.

Distribuindo os nomes de autores de recentes publicações sobre determinadas tribos de acôrdo com as áreas culturais propostas por Galvão, temos o seguinte quadro:

I — NORTE-AMAZÔNICA, *núcleo A*:

Oaiana (Wayana): Ahlbrinck, Fortuyn.

Tirivó: Frikel.

Urukuyana e Aparai: Melo Carvalho.

Kaxuiána: Frikel, Polykrates, Haeckel.

Oeste: Makuxí: Butt, Alcuino Meyer, Nimuendajá.

Norte: Waiwai: Evans e Meggers, Fock, Guppy, Yde.

núcleo B:

Waika: Finney, M. Schuster, Zerries.

Xirianá: Díaz-Ungria, Zerries.

Pakidái: Becher.

núcleo C:

Baniwa: Saake.

Tariána: Alves da Silva.

Tukáno: Fulop, Alves da Silva.

Maku: Giaccone, Schultz, Zerries (Puinave).

Tukúna: Anderson, Melo Carvalho, Schultz, Roberto Cardoso de Oliveira.

Rio Negro em geral: Galvão.

II — JURUÁ-PURUS:

Schultz e Chiara, Castelo Branco.

III — GUAPORÉ, *núcleo A*:

Grupos Txapakura: Pakaanovas: Becker-Donner.

núcleo B:

Tupí: Makuráp: Becker-Donner.

Huari: Hanke, Becker-Donne.

Tupari: Caspar, Scolnik.

Kanoé: Hanke.

núcleo C:

Nambikuára: Boglár, Lévi-Strauss.

Guaporé em geral: Hugo.

IV — TAPAJÓS-MADEIRA, *núcleo A*:

Mundurukú: Burks, Frikel, Robert e Yolanda Murphy.

Maué: Bellizzi, Nunes Pereira.

núcleo B:

Grupos Kawahib (tupí): Lévi-Strauss.

V — ALTO XINGU:

Kamayurá: Cowell, Oberg, Teves, Weyer, Wustmann.

Yawalapiti: Lhullier dos Santos.

Kalapálo: Cunha, Saake.

Kuikuro: Carneiro e Dole.

Trumai: Murphy e Quain.

Alto Xingu em geral: Cowell, Dreyfus-Roche, Galvão, Lima, Oberg.

VI — TOCANTINS-XINGU, *núcleo A*:

Canela: Crocker, Dietschy, Izikowitz, Vanzolini.

Apinayé: David Maybury-Lewis.

Krahó: Schultz, Wustmann.

Timbira Orientais em geral: Hye-Kerkdal, Lévi-Strauss.

núcleo B:

Xerênte: David e Pia Maybury-Lewis, Baldus.
Akwê-Xavante: Arnau, Borra, Halik, Weyer.

núcleo C:

Kayapó: Banner, Bellizzi, Lukesch, Métraux e Dreyfus-Roche,
Moreira Neto. — Txukahamai: Cowell.
Gaviões: Carron, Vilar de Carvalho, Moreira Neto.
Mudjetire: Vilar de Carvalho.
Tapirapé: Baldus, Wagley, Cardoso de Oliveira.
Karajá: Bellizzi, Caldas, Costa, Dietschy, Faria, Schultz, Vásquez, Wustmann.
Borôro: Albisetti, Baldi, Lévi-Strauss, Saake.

VII — PINDARÉ-GURUPI:

Urubus-Kaapor: Darcy e Berta G. Ribeiro, Huxley.
Guajá: Beghin.

VIII — PARAGUAI:

Kadiwéu: Lévi-Strauss, Susnik, Zibert.
Terêna: Cardoso de Oliveira, Kietzman.

IX — PARANÁ:

Kayová: Boglár, Hanke, Philipson, V. Watson.
Mbyá: Cadogan.
Guaraní em geral: Cadogan, Lane, Nimuendajá, Schaden.
Guaraní do litoral paulista: Goldman.
Arqueologia guaraní: Altenfelder Silva, Schmitz.

X — TIETÊ-URUGUAI:

Kaingáng de São Paulo: Baldus, Horta Barboza, Lane, Magalhães.
Kaingáng do Paraná e Santa Catarina: Loureiro Fernandes, Lacerda, Menezes, Pourchet, C. C. de Souza, Dreyfus-Roche.

Kaingáng do Rio Grande do Sul: Baldus, Fischer.
Kaingáng em geral: Baldus, Paterniani, F. S. G. Schaden.
Xetá: Loureiro Fernandes, Guérios. Loukotka.

XI — NORDESTE:

Fulniô: Hohenthal, E. Pinto.
Kariri: Trujillo Ferrari.
Xukuri: Hohenthal.

Nordeste em geral: Loukotka.

CONCLUSÕES

Mostra este quadro que em cada uma das onze áreas culturais foram feitos novos estudos, mas que muito ainda resta por fazer, sendo que a área menos visitada pelos pesquisadores é a do Juruá-Purus.

Resumindo os outros dados aqui apresentados podemos dizer:

Entre as publicações saídas depois do aparecimento da minha Bibliografia Crítica em 1954, a mais importante para o estudo da História da Etnologia Brasileira moderna e, especialmente, de suas tendências teóricas é a citada obra de Florestan Fernandes.

Em Ergologia e Tecnologia temos, na maior parte, trabalhos de museu e biblioteca; oxalá se reconheça cada vez mais a necessidade de pesquisa de campo a respeito dessas disciplinas que, agora, dispõem de eficiente meio para seu aperfeiçoamento: a cinematografia.

Relativamente pouco foi escrito acerca das atividades econômicas: quase somente breves descrições referentes a determinadas tribos. Seria desejável que um sistematizador reunisse todos os conhecimentos atuais nesse campo da Etnologia Brasileira a fim de focalizar melhor as lacunas.

Entre os estudos sobre religião destacam-se as obras de Schaden e Murphy por não se limitarem a um ou outro aspecto do assunto, mas encará-lo na sua totalidade entrelaçada com o todo cultural. Grande é o número das tribos das quais se publicaram mitos.

Na Etno-Sociologia foi dada ênfase à análise do sistema de parentesco. Entre os trabalhos ligados ao ciclo da vida do indivíduo distinguem-se os sobre a couvade.

O aumento de interesse pela Psicologia se revela não só por artigos sobre padrões de comportamento tribal, mas também por análises de indivíduos e pela aplicação de diversos testes modernos.

Sobre as Artes, além de uns pequenos ensaios, temos uma única monografia de envergadura, a "Arte plumária kaapor" de Darcy e Berta G. Ribeiro. Poucos autores tratam da dança, sendo que uma autora a "maltrata". Sobre jogos, quase nada tem saído.

Enquanto, porém, foram estudados, mais ou menos intensamente, todos os mencionados aspectos da cultura, o problema do número de seus portadores, os índios, e a sua diminuição despertaram menos atenção dos pesquisadores, até aparecer o trabalho demográfico de Darcy Ribeiro. Estão-se multiplicando, agora, os estudos sobre o estado de saúde e sobre as relações entre índios e brancos em geral.

Numerosos são os bons trabalhos sobre problemas de aculturação. Alguns investigadores europeus se interessam por questões da História Cultural. Para a classificação das tribos do Brasil con-

tribuíram etnólogos, linguístas, arqueólogos e antropólogos-físicos.

Em 1953, na I Reunião Brasileira de Antropologia, apresentei um balanço do que foi feito para o conhecimento do índio brasileiro. Concluí, então: "Os melhores representantes da Etnologia Brasileira estão compreendendo que chegou o momento de produzir *multum, non multa*". Minha exposição de hoje já menciona trabalhos dêles que são *multum*, isto é, obras fundamentais, em vez de *multa*, isto é, ligeiras notas e artiguetes. Grandes progressos fez a Etnologia Brasileira desde aquela primeira Reunião.

